



Exclusivo

OPINIÃO

As coisas mudaram, mas não tanto como parecia



Daniel Oliveira

ÚLTIMAS PRESIDENCIAIS ECONOMIA IMOBILIÁRIO REVISTA OPINIÃO TRIBUNA BLITZ PODCASTS JOGOS

vaie o mesmo que o CH e so a iãita de ciareza da direita democrática lhe dará novos eleitores. Boa parte do voto em Cotrim é de quem percebeu que Mendes não ia lá, não é “liberal”. Gouveia e Melo confirma que as coisas novas que prevalecem nascem das velhas, não do vácuo. Marques Mendes revela que o Governo não é um trunfo e a TV não inventa presidentes. E os partidos mais à esquerda continuam em crise profunda



07:00

A política está a mudar e essa mudança anunciou-se nestas eleições, quando parecia que íamos ter um militar sem qualquer experiência política na presidência, primeiro, e quando parecia possível termos uma segunda volta completamente dominada pela direita (entre Mendes e Ventura), depois. Não se confirmou. Como frequentemente acontece, **a mudança dá-se aos solavancos**, com avanços e recuos, contradições e guinadas inesperadas. E a surpresa destas eleições é que está a ser mais lenta do que parecia.

António José Seguro mostrou que ser socialista não é um estigma que impede vitórias. Isso não quer dizer que o PS não viva uma crise de identidade e de função. Mas a verdade é que a posição do PSD nesta segunda volta, que confirma a neutralidade e a equidistância entre o PS e a extrema-direita que temos visto na governação, pode começar a libertar o centro.

Muitos votos em Seguro, vindos de gente à esquerda e à direita do PS, não são do PS. Mas prova-se que o PS, à medida que avança o tempo em que outros estão no Governo, está preparado para ultrapassar o estigma. Ao contrário do que muito defendiam, **Seguro não foi o candidato contra o PS e contra os partidos**. Aliás, só cresceu quando, sem complexos, assumiu o lugar de onde vinha e os apoios de que precisava.

André Ventura vale o mesmo que o Chega e não ultrapassou a última fasquia. Mas esta segunda volta, se a direita democrática mantiver a falta de clareza, pode levar André Ventura acima dos 30%. E votar num candidato de extrema-direita só custa na primeira vez. Estes **eleitores de direita, vindos da AD e da IL, passam, perdida a virgindade, a ser potenciais eleitores do Chega**. Porque são as potenciais vítimas políticas do próximo crescimento de Ventura a oferecer-lhe, por um mês, a liderança da direita e a normalização democrática. Um erro histórico.

Boa parte do voto em João Cotrim Figueiredo não é da IL. Nem sequer é de Cotrim. Nem sequer é certo que Cotrim valha mais do que a IL, apesar de ter feito uma boa campanha até à última desastrosa semana. São votos que eram e provavelmente continuam a ser da AD. Não é voto "liberal". É voto de quem percebeu que Marques Mendes não ia lá e dirigiu-se a quem, à direita, tinha hipótese.

Isto não impede que se vejam os **sinais da busca de novidades**. O inevitável desgaste da governação levará à continuação da reconfiguração do sistema partidário. O PS foi primeiro, o PSD será depois.

Ser independente não garante votos, à partida. Henrique Gouveia e Melo chumbou porque a tão desprezada experiência política conta. Foi um *flop* como Fernando Nobre já o fora. Os dois candidatos que passam à segunda volta são um ex-líder e um atual líder partidário. A **ideia de que a direita e a esquerda já não contam também sucumbe** perante dificuldade em fazer uma campanha sem um lugar de partida.

Isto não impede que **os partidos estejam em crise** e as pessoas ansiosas por coisas novas. Como provam os partidos que se impuseram (Chega, IL, BE ou Livre), mesmo que alguns tenham entrado em crise décadas depois, **as coisas novas que prevalecem nasceram das velhas, não do vácuo**.

O resultado de **Luís Marques Mendes**, depois de se colar ao Governo, prova que mesmo que as pessoas não queiram mudar de governo, **não veem o Governo como um trunfo**. Isto deveria dar a Montenegro o duche da humildade que lhe tem faltado. Olha-se para os resultados da governação nas questões mais sensíveis, como a habitação e a saúde, e percebe-se porquê.

O apoio do Governo não dá, como nunca deu no passado, vitórias presidenciais. **Os portugueses continuam a acreditar na teoria dos cestos** e na distribuição de poder e não têm qualquer vontade de dar à AD o domínio de toda a política. A colagem excessiva de Mendes ao Governo foi-lhe prejudicial. Porque ser candidato do espaço da AD não é o mesmo que ser candidato do Governo. Para representar aqueles eleitores não era preciso vir em socorro da ministra da Saúde, por exemplo.

Seguro será um presidente dócil, que não criará problemas ao Governo. Sobretudo se o PSD der, nestas três semanas, mais sinais de apoio – mais ainda se tivesse sido inequívoco a dá-lo. Mas, apesar de tudo, sabe que a sua legitimidade eleitoral não resulta do apoio ao Governo, nem da vontade de ser seu ajudante. Isso Marques Mendes não teria depois da campanha que fez.

Por outro lado, confirma-se que apesar **de o comentário televisivo ajudar a promover candidatos, não os inventa**. Marcelo teve uma ajuda das televisões, mas esmagou porque era Marcelo. Marques Mendes teve uma ajuda das televisões, mas foi esmagado porque é Marques Mendes.

Os resultados de **Catarina Martins, António Filipe e Jorge Pinto mostram que, à esquerda do PS, continua a viver-se uma crise profunda**. Mas os resultados destas presidenciais nada dizem deste seu estado. A pressão do **voto útil** à esquerda numa segunda volta que se transformou em primeira, porque a passagem de Ventura era a única coisa supostamente certa, teve um efeito poderoso no eleitorado que mais se repugnaria com a escolha entre Cotrim e Ventura. Esse voto também não é de Seguro, foi-lhe emprestado para esta emergência. E, como se viu, o mais volátil de todos é o do Livre e, curiosamente, o mais firme não é o do PCP.

Seja como for, os três candidatos mais à esquerda tiveram 4,4% juntos. Não há memória disto em qualquer eleição. Porque foram incapazes de inventar um candidato agregador (uns tentaram, outros não) e continuam no campeonato cada vez mais curto entre si. **O segredo não é a união ou a competição, é a superação.**



Tem dúvidas, sugestões ou críticas? Envie-me um e-mail:

danieloliveira.lx@gmail.com

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Maquinistas espanhóis em greve para exigir segurança na ferrovia após acidentes desta semana

Apoios anunciados são positivos, mas não resolvem o problema, alerta associação de restaurantes

ED em Da.
"Nos EUA não se fala de energia verde"

Numa manhã de chuva, ficou a certeza de que há vontade de "construir uma área metropolitana mais enxuta, próxima e coesa"

+ Opinião

Lourenço Pereira Coutinho

Pela decência e contra a demagogia: porque vou votar em António José Seguro

Jonas Soares

Votar em António José Seguro não é abdicar de convicções políticas de direita